

## **“NÃO HÁ NADA MAIS RARO NA VIDA DO QUE UM COMPANHEIRO”: CARTAS DE MONTEIRO LOBATO A ALARICO SILVEIRA**

*Emerson Tin\**

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é traçar algumas considerações sobre as cartas de Monteiro Lobato a Alarico Silveira, tendo em vista a construção do destinatário pelo remetente como um “companheiro ideal”.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato – correspondência – cartas – amizade

### **ABSTRACT**

The objective of this article is to trace some considerations on the Monteiro Lobato's letters to Alarico Silveira, in view of the construction of the addressee for the shipper as an “ideal friend”.

**Key words:** Monteiro Lobato – correspondence – letters – friendship

### **INTRODUÇÃO**

A amizade entre Alarico Silveira e Monteiro Lobato data, pelo menos, do início dos anos 1920, se não for mais antiga. Era ao então Secretário do Interior Alarico Silveira que Lobato devia, de alguma forma, a venda da gigantesca tiragem de 50.500 exemplares da versão escolar de *Narizinho Arrebitado*, comprada pelo governo de Washington Luís (1869-1957) – Presidente do Estado de São Paulo entre os anos de 1920 e 1924 – no ano de 1921, como o próprio escritor conta numa de suas entrevistas:

Cheguei a tirar uma edição de 50.500 exemplares de “Narizinho Arrebitado” – isto, é claro – por mera inexperiência, pois um editor, por maior confiança que tenha num livro, nunca se arrisca a tamanha loucura; vai fazendo tiragens sucessivas de dez mil, para economia de espaço no depósito, para evitar empate de capital, por mil coisas. Mas a nossa inexperiência nos levou a esse absurdo, que nunca mais foi repetido, nem por nós nem por outro editor. Há, todavia, um deus para os bêbados e outro para os inocentes. O deus dos inocentes premiou a nossa inocência com um autêntico milagre: a tal edição monstro esgotou-se em oito ou nove meses!

– Apenas?

---

\* Mestre em Teoria e História Literária. Doutorando em Teoria e História Literária / Bolsista FAPESP. Avenida Marechal Carmona, 786. Vila João Jorge. CEP 13035-510 – Campinas-SP. Tel. (19) 3236-8298. e-mail: emtin@mpc.com.br

- Pois só o governo de São Paulo adquiriu trinta mil narizes...
- Como foi isso?
- O Dr. Washington Luís estava na presidência de São Paulo.

Um belo dia saiu a correr os grupos escolares em companhia do secretário Alarico Silveira. De escola em escola, notou que em todas elas havia um livrinho de leitura, extra-programa, muito sujinho e surrado. Era justamente o meu “Narizinho”. Os quinhentos exemplares a mais dos 50 mil eu os havia tirado em papel melhor e mandado de presente a todos os grupos escolares do Estado. E como fossem absoluta novidade, a criançada atirou-se a eles e os leu à moda das crianças – escangalhadamente. O Dr. Washington fez ao seu secretário a seguinte observação: “Se este livro anda assim em tantos grupos, é sinal de que as crianças gostam dele. Indague de quem é e faça uma compra grande, para uso em todas as escolas.” No dia seguinte Alarico me telefonou pedindo que passasse pela Secretaria. Lá me contou das visitas da véspera e da opinião do presidente. Depois: “Quantos exemplares desse livro pode você vender ao governo?” Uma pergunta assim à queima-roupa a um editor que está atrapalhado com a maior avalanche nasal da sua vida é de estontear. Pisquei sete vezes e respondi: “Quantos quiser, Alarico. Temos narizes a dar com pau. Posso fornecer cinco mil, dez mil, vinte, trinta mil...” Alarico pensou que fosse brincadeira e, para pilhar-me, disse: “Pois mande trinta mil ao almoxarifado”. Veio nesse momento o café, mudamos de assunto e logo depois saí. Quando no dia seguinte o almoxarifado recebeu os trinta mil narizes, houve alarme por lá. Telefonaram ao secretário, o qual também me telefonou. “Lobato, então era verdade a história dos trinta mil?” “Claro, Alarico! Onde se viu blefar para cima de um secretário de estado como você?” E ele: “Pois só agora depois da telefonada do almoxarifado é que estou acreditando...” (LOBATO, 1964: 191-2)

Mas quem era Alarico Silveira? Nascido quatro anos antes de Lobato, Alarico teve uma trajetória semelhante à dele, na juventude: foi estudante da tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, escreveu esporadicamente na imprensa e foi promotor público. Vejamos como o apresenta o *Dicionário de autores paulistas*, de Luís Correia de Melo:

Nasceu nesta capital a 11 de janeiro de 1878. Faleceu no Rio de Janeiro a 5 de março de 1943. Formado, em 1899, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Advogou, inicialmente, em Asa Branca, onde, em 1895, redigia o “Guanumbi”. Foi promotor público em Ituverava e Caconde. Ingressou, depois, na polícia de carreira, tendo sido delegado de Iguape, Descalvado, Pindamonhangaba, S. Carlos e

capital (5ª delegacia distrital). Teve de deixar este cargo para acompanhar sua senhora, enferma, à Europa. Em 1906, fixou residência na capital. Pertenceu à redação do “Estado de S. Paulo” e do “S. Paulo”, dirigido por Brasília Machado. A sua colaboração neste jornal sempre versou sobre o panorama político internacional, assunto em que se especializou como cronista. Secretariou o “Correio Paulistano” e escreveu para “Novíssima” e “Vida Moderna”. Funcionário da Prefeitura de S. Paulo ao tempo da administração Washington Luís, de quem se tornou secretário quando na presidência da República. Fez parte do grupo “Verde e amarelo”, com Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho, Alfredo Ellis Júnior, etc. Secretário da Educação e do Interior, sendo nomeado, pouco depois, ministro do Tribunal de Contas. Dirigiu a repartição de Limpeza Pública. Representou o Brasil na Sexta Conferência Panamericana de Havana, em 1927. A 17 de outubro de 1929 foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar. O Estado Novo pô-lo em disponibilidade a 18 de outubro de 1934. Em “Novíssima” expôs, mais de uma vez, as suas convicções nacionalísticas e americanísticas. Esteve em Buenos Aires e Montevideu, incumbido pelo governo de S. Paulo de estudar os serviços de higiene, para reorganizar a limpeza pública da capital. Foi diretor da Censura durante a guerra de 1914, quando em Casa Branca, onde fundou o Grêmio Literário Recreativo, colaborou no “Oeste de S. Paulo”, na “Tribuna Livre” e no “Vera Cruz”. “Inteligência esclarecida, probidade inatacável, cultura pouco vulgar, devotamento inquebrantável, discrição [sic] inexcedível” (Washington Luís). “Foi um íntimo do silêncio, do falar baixo, da reflexão, da sociedade dos livros. Poucas vezes o vi de perto, mas muito o conheci para admirá-lo. Para ele, o homem, a qualidade humana das coisas, na terra, era como se fosse a sua matéria, a sua pintura, a sua música, a sua poesia. [...] “O mestre Alarico gostava de apagar o brilho das coisas que o cercavam” (José Lins do Rego) Ensaísta, filólogo, etc. **Bibliografia:** “A Convenção de Itu”, livro organizado por Afonso d’E. Taunay; “Estudos brasileiros”, inédito; “Dicionário de idiotismos da língua portuguesa”, inacabado; “Enciclopédia brasileira”, Ed. comemorativa do Cinquentenário do “Correio da Manhã”, pela Fundação Edmundo Bittencourt, I vol., Rio, Instituto Nacional do Livro. (MELO, 1954: 594)

Além disso, Alarico era irmão do escritor Valdomiro Silveira (1873-1941), expoente da literatura regionalista, com quem Lobato mantivera contato como editor no início dos anos 1920. Assim, podemos supor que a relação de Lobato com a família Silveira já fosse de longa data.

A primeira carta de Lobato a Alarico de que temos registro, contudo, é bem posterior. Trata-se de uma carta sem data, apontada por Edgard Cavalheiro – biógrafo e organizador de parte da obra lobatiana – como tendo sido escrita em princípios de 1926 – residindo o escritor, portanto, no Rio de Janeiro, o que se depreende também da sua leitura. Lobato escreve sugerindo ao amigo uma “fuga bucólica”, com direito a um passeio pela “ilha da Moreninha”:

Como higiene d’alma e corpo nada conheço melhor que umas fugas aos domingos ao Paquetá ou Saco de S. Francisco, de vara na mão em ictiólogo desporto, como diria o Laudelino Freire. Eu fujo às vezes para esses deliciosos recantos – eu que sou livre como um selvagem e não trago ninguém à minha cola. Você precisa fazer o mesmo, por higiene e por gosto. Fugir ao pandemônio e certificar-se de que a natureza existe, e existem lindos céus, e águas claras, cheias de peixinhos incautos que nos caem no anzol. Quando se sentir muito amofinado e saudoso de bucolismo, lembre-se desta carta e avise-me. Terá em mim um companheiro de fuga, já conhecedor dos belos recantos da Guanabara. D. Elisa também precisa desses haustos de natureza não contaminada pelos homens que vêm do Norte “cavar”. Terá ela boa companheira em minha mulher. Iremos os quatro passar um domingo na ilha da Moreninha – e você verá que a vida não é tão estúpida e idiota como a fazem os piratas que enxameiam em torno do Catete. Guarde na memória estas minhas sábias palavras e quando se sentir fatigado apele para o Lobato. (LOBATO, 1972: 74)

E, à maneira de *post-scriptum*, acrescenta mais um companheiro de fuga: “poderemos levar também o Renato Jardim<sup>1</sup>, outro que precisa acumular reservas para não estourar de aporrinhamento.” (LOBATO, 1972: 74) É interessante observar como Lobato quebra a formalidade da carta ao encadear a conclusão com a assinatura, sem solução de continuidade. Mas o mais importante a ser assinalado é a maneira como constrói a imagem de Alarico. Já aí encontramos esse importante elemento, que irá aparecer com certa regularidade nas cartas a esse correspondente: a caracterização do destinatário como um “companheiro ideal”.

Tendo sido delegado do Brasil na Conferência de Havana<sup>2</sup> no início de 1928, Alarico Silveira resolveu aproveitar a viagem e fazer uma visita a Lobato, que

---

<sup>1</sup> Talvez se trate de Renato Jardim (1868-1951), então Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal (ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO, <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14biografias.htm#renato>).

<sup>2</sup> A 6ª Conferência Internacional Americana, ou Conferência de Havana, como é mais conhecida, foi um encontro de Direito Internacional Privado que reuniu 21 países americanos e teve como principal resultado a aprovação do chamado “Código Bustamante”, uma Convenção de Direito Internacional Privado, promulgada no Brasil pelo Presidente Washington Luís por meio do Decreto nº 18.871, de 13 de agosto de 1929.

então ocupava o cargo de adido comercial em Nova Iorque. É o que nos diz a abertura da carta de 1º de fevereiro de 1928:

tive hoje com o Graça, do Lloyd, que veio encantado de você e me trouxe a boa notícia de que a conferência termina a 18. Fico rezando para que assim seja e você reapareça. Temos um mundo de coisas maravilhosas a ver e dessas que dobram de valia quando vistas a dois – e pois dois que saibam ver e se entendam. (LOBATO, 1972: 89)

Alarico estivera nos Estados Unidos visitando o amigo. Obviamente não há cartas desse período: a presença do destinatário eliminava a necessidade da comunicação escrita, que é retomada, contudo, a 10 de abril de 1928, quando Lobato lamenta a perda do “companheiro ideal”:

Meu caro Alarico,

Isto ficou muito triste depois que você foi. Não há nada mais raro na vida do que um companheiro que saiba ver e veja pelo mesmo ângulo da gente. Durante um mês tive esse companheiro – e regalei-me de ver a fundo e *comme il faut*. Mas agora, que escuridão! Não sei mais, não fui mais a nenhum teatro nem cinema – e até gripe tive. Caí doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro. (LOBATO, 1972: 90)

Como afirma Anne Vincent-Buffault, “a encenação da ausência e da falta determina a retórica epistolar” (VINCENT-BUFFAULT, 1996: 21). Assim, a partir de duas afirmações gerais – a primeira, pintando o ambiente deixado pela ausência do amigo, iniciada pelo demonstrativo neutro “isto”, que teria o significado de tudo, todas as coisas, acompanhado do adjetivo “triste” intensificado pelo advérbio “muito”; a segunda, ganhando a feição de premissa silogística, da qual resultará toda a argumentação posterior –, Lobato constrói um verdadeiro raciocínio lógico para demonstrar como a ausência de Alarico Silveira tornara todas as coisas muito tristes, que poderia ser posto na forma de um silogismo:

Não há nada mais raro na vida do que um companheiro que saiba ver e veja pelo mesmo ângulo da gente.

ORA, durante um mês tive esse companheiro.

LOGO, agora, com sua ausência, tudo ficou muito triste.

Não bastasse isso, Lobato aponta, por meio de exemplos, organizados gradativamente, como a presença do “companheiro ideal” estava lhe fazendo falta: “Não saí mais, não fui mais a nenhum teatro nem cinema – e até gripe tive. Caí doente, eu e todos da casa, exceto Purezinha, que é de ferro.”

Quase ao final da carta, ao pedir notícias da saúde de Alarico, o tema é retomado, em reforço ao início da carta: “e você, como vai da sua gripe e asma? Que pena aquele acesso ter impedido que aproveitássemos a contento os seus últimos dias de New York! Dizem que os museus que não vimos são ótimos – dizem, não sei, não vi – nem tenho coragem de lá ir só. Você viciou-me com o seu saber ver.” (LOBATO, 1972: 91)

Assim Lobato apresenta o quadro ao destinatário: a nostalgia do “companheiro ideal” o impedia de prosseguir no cotidiano instaurado em sua presença.

Meses depois, em carta de 07 de fevereiro de 1929, Lobato reafirma a necessidade do “companheiro ideal” ao imaginar Alarico como a companhia para uma “pescaria” nos alfarrabistas:

Estou à espera de que de repente te surja uma nova oportunidade de dar um pulo até cá. Há coisas novas a ver e um mundo de coisas velhas a rever e estudar. O Lessa descobriu preciosidades nos alfarrabistas de Washington e creio que elas devem abundar aqui. Ando sempre me preparando para uma investida, mas nunca tenho tempo nem companheiro – e certas coisas precisam ser feitas a dois – a dois que se entendam. Por isso não perco a esperança de ainda um dia fazer essa deliciosa pescaria em companhia dum pescador de marca maior como é você. (LOBATO, 1972: 114)

Lobato reforça aqui o traço de cumplicidade da amizade entre ambos, que já havia aparecido na carta de 1º de fevereiro de 1928 (“temos um mundo de coisas maravilhosas a ver e dessas que dobram de valia quando vistas a dois – e pois dois que saibam ver e se entendam” – LOBATO, 1972: 89) e, ao mesmo tempo, retoma metaforicamente o convite para uma pescaria, feito na primeira carta.

O tema dos sebos parece ter interessado o destinatário, pois Lobato voltaria a eles em carta de 12 de abril desse mesmo ano: “descobri inúmeros sebos aqui, repletos de coisas preciosas. Dei na zona onde eles se aglomeram, em Down Town. Descobri e passei a fugir de lá, para escapar à tentação. O que há nesta terra em matéria de livros é de pôr um bibliófilo doente. Segue a título de amostra o catálogo de um deles.” (LOBATO, 1972: 118)

Lobato sabia do gosto de Alarico por livros que, parece, era um colecionador. Em carta de 15 de março de 1929, Lobato chega a pedir emprestado alguns

exemplares da biblioteca de Alarico, com o objetivo de escrever um texto sobre o folclore brasileiro:

quem sabe, Alarico, se você me pode reunir aí alguns dos livros indispensáveis para eu fornecer aos editores americanos o que eles me pedem? Na tua biblioteca deve haver muita coisa e eu proporia o seguinte: que me fornecesses por empréstimo esses livros, dois de cada vez. Eu faria a caçada e os devolveria, mandando-me você outros. Com paciência e vaivéns a coisa se faria. (LOBATO, 1972: 116)

Pedido semelhante lemos na carta de 05 de novembro de 1931: “ando necessitado que você me preste um favor emprestar-me por uns dias um livro de Mencken que você tinha, ‘The American Language’.” (LOBATO, 1972: 131) Sendo assim, e apesar de não ter o “companheiro ideal” a seu lado, Lobato percorre alguns sebos e consegue um catálogo para enviar ao amigo.

Já na carta de 03 de maio de 1928, é o Lobato metalurgista quem aparecerá. Entusiasmado com a visita à fábrica da Ford, em Detroit, Lobato escreve uma longuíssima carta a Alarico Silveira, contando em detalhes o que viu e ouviu, às pressas, para alcançar a mala postal:

Prepare-se para ler a carta mais importante que ainda foi escrita daqui para aí. Acabo de chegar de Detroit e vou atamancá-la a tempo de pegar a mala de amanhã.

Passei em Detroit a *semana mãe* da minha vida, a mais rica de ensinamentos e altas impressões – e de capital importância para a solução de *todos* os problemas brasileiros, você verá. Grifo a todos porque um país que resolve seu problema do ferro resolve *ipso-facto* todos os demais problemas que o atormentam. (LOBATO, 1972: 93)

A carta é tão longa que acabou impedindo – ou servindo como um bom pretexto<sup>3</sup> para – que Lobato escrevesse para outro destinatário, possivelmente Arno Konder (1882-1942), a quem Lobato substituíria interinamente como adido comercial: “Adeus. Diga ao Konder que ia escrever-lhe hoje, mas esta saiu longa demais e não tenho tempo. / Adeus, adeus, adeus! / Lobato” (LOBATO, 1972: 100)

---

<sup>3</sup> Isso porque Lobato escreve carta semelhante, na mesma data, a Arthur Neiva. Teria Lobato privilegiado os amigos, em detrimento da comunicação oficial?

A repetição da palavra “adeus”, aqui, seguida do ponto de exclamação, poderia ser a representação no papel da pressa e rudeza com que Lobato, abruptamente, conclui a carta.

Outro tema recorrente nas cartas americanas de Lobato é o relativo ao concurso de beleza de Galveston (Texas), que pretendia eleger uma *Miss* mundial. Em várias cartas do período Lobato narra aquilo que chamaria de “mentira sistemática”. É o que se lê na carta de 28 de maio de 1929:

Ando assombrado com o que se passa em relação à recém-chegada Miss Brasil. O famoso Barnum<sup>4</sup> está positivamente reencarnado em alguém. O plano dele é deslumbrar o Brasil com um fogo de artifício de hábeis carapetões de modo que os jornais possam continuar sua exploração do público marchante. Tenho acompanhado o que se passa aqui e o que é telegrafado para aí, e confesso que nunca em tempo algum jamais houve mistificação mais bem engendrada.

Exemplo. Barnum leva a menina a City Hall, casa aberta a todo o mundo, e de surpresa a apresenta ao Mayor. Um comparsa *kodaka* a cena. Pronto. está obtido o material de prova que vai permitir a arquitetura dum formidável telegrama sobre a estrondosa recepção que a menina teve do governador da cidade. Depois, Ziegfeld<sup>5</sup>. Vai a menina para um camarote e em dado momento um ator, a pedido de Barnum (pedidos feitos sempre em nome do Brasil), aponta para ela e diz ao público que é Miss Brasil. O homem do holofote gratifica-a com dois segundos de luz. O público olha e desaponta. *She must have nerve* é o comentário. Não há *uma palma*. O espetáculo prossegue. Pronto. Está obtido material para outra peta deste tamanho. “Miss Brasil glorificada por Florenz Ziegfeld”.

A coisa vai nesses termos por aí além e a tantas chega do Rio um telegrama como o que o “Times” publicou ontem: “o povo do Rio prepara grande manifestação ao embaixador americano para

---

<sup>4</sup> Trata-se, possivelmente, de Phineas Taylor Barnum (1810-1891), empresário de espetáculos norte-americano. “Diretor de circo, difundiu, após 1871, o circo de três picadeiros. Proprietário de uma galeria de fenômenos, deixou um curioso livro de memórias (1855).” (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1998: 650).

<sup>5</sup> Florenz Ziegfeld Jr. (1868-1932), produtor norte-americano de *music-hall*. “Em 1907, criou um gênero que o consagrou: a revista. A partir de 1909, as *Ziegfeld's Follies* revolucionaram o espetáculo tradicional de variedades pelo luxo, elegância, audácia e pelas célebres coristas. Também produziu musicais como *Sally* (1920) e *Barco das Ilusões* (1927).” (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1998: 6056).

agradecer as excepcionais homenagens que New York prestou à Miss Bergamini<sup>6</sup>, embaixadora do good will que fez mais pelo seu país que todos os embaixadores brasileiros acreditados” (Nabuco<sup>7</sup> inclusive).

Isso é enorme. É de deixar a gente de cara no chão. Não houve nada. New York não homenageou ninguém. New York é *too big e too busy* para distrair-se com tais bobagens. Desde que aqui estou só vi New York prestar atenção numa coisa: o vôo de Lindbergh. Só. Além disso o tal concurso de Galveston é uma coisinha regional que a gente só sabe pelos jornais do Brasil. Arranjos da Câmara do Comércio de lá para atrair gente das redondezas.

Este regime de mentira sistemática revolta e me parece muito nocivo ao Brasil. Provém de uma coisa muito simples: Barnum é temperamentalmente jornalista – e jornalista do Rio. Tudo quanto faz o faz jornalisticamente, tendo em vista a *headline*. Acho que a imprensa no Brasil tem feito mais mal que bem – e entre os seus males verifico agora mais este, de conformar deste modo a alma e o cérebro dos que na mocidade passaram por ela. (LOBATO, 1972: 120-1)

Assim Lobato encerra a narração do *affair Miss Brasil*. Note-se que a associação do responsável pelas notícias sobre a *Miss* – que não era ninguém menos que o cônsul-geral do Brasil em Nova Iorque, Sebastião Sampaio (aliás, em carta de 20 de junho de 1929 a Godofredo Rangel, diria Lobato sobre o caso: “o fato é esse. O mais é Cônsul Sampaio e reporters vindos daí. Mas pelos jornais há de ter visto como esse nada foi transformado em tremenda glorificação da beleza indígena. Manipulação pura!” – LOBATO, 1944: 486) – à figura de Barnum, diretor de circo, ironiza o caso (Sampaio agia como Barnum, organizando um espetáculo para o público brasileiro), além de ocultar o nome do principal envolvido. O que ajuda a explicar a ressalva com que, ao final, Lobato fecha a narrativa: “estas coisas eu não digo a ninguém exceto a você, que é discreto *beyond measure* e amigo verdadeiro” (LOBATO, 1972: 121).

---

<sup>6</sup>Olga Bergamini de Sá, a *Miss Brasil* que viajara a Galveston para participar do concurso para a escolha da “*Miss Universo*”.

<sup>7</sup>Joaquim Nabuco (1849-1910) foi adido de primeira classe em Washington entre os anos de 1876 e 1879 e embaixador do Brasil, na mesma cidade, a partir de 1905. “Grande era o seu prestígio perante o povo e o governo norte-americano, manifestado em expressões de admiração dos homens mais eminentes, a começar pelo Presidente Theodore Roosevelt e pelo Secretário de Estado Root; e na recepção das Universidades, nas quais proferiu uma série de conferências, propaganda viva de cultura brasileira. Quando faleceu, em Washington, seu corpo foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital norte-americana, e depois foi trasladado para o Brasil, no cruzador *North Caroline*.” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, <http://www.academia.org.br/imortais/cads/27/nabuco.htm>)

Ainda mais uma vez é o “companheiro ideal” que se configura: Lobato se permite confidências justamente porque o destinatário é excessivamente discreto e amigo verdadeiro. Ademais, Lobato faz crer que somente a Alarico conta o que conta, e a mais ninguém, procurando realçar a cumplicidade existente entre ambos. É importante assinalar, porém, que o “caso Miss Brasil” foi narrado também, com maior ou menor detalhamento, nas cartas para Godofredo Rangel (em 20 de junho de 1929), para Arthur Neiva (nessa mesma data), para Anísio Teixeira (em julho de 1929) e para Oliveira Vianna (em 23 de agosto de 1929). Nesse sentido, a ressalva de Lobato de que só contava o caso a Alarico adquire um poder de argumentação e de captação da benevolência do destinatário muito maior do que o que é confidenciado.

Note-se que a mistificação em torno do *affair* Miss Brasil não é exagerada por Lobato. A tanto chegou o caso que, pouco mais de um ano depois, a revista TIME chegou a afirmar, ironicamente, numa nota intitulada “Vingança” que a questão quase se tornara um incidente diplomático:

Há um ano todo o Brasil estava nas pontas dos pés de excitação quando sua campeã, graciosa, da cor da azeitona Senhorita Olga Bergamini de Sá participou da competição internacional de beleza em Galveston, Texas. (TIME, 24 de junho de 1929). Apesar dos almoços e dos chás em New York organizados pelo cônsul geral brasileiro e por essa fervorosa admiradora da beleza brasileira, a Electric Bond & Share Corp., apesar dos telegramas especiais que repetiam minuto a minuto para a América do Sul as descrições dos feitos da Miss Brasil, ela não venceu. Pior de tudo, com dez prêmios para serem concedidos, ela nem mesmo obteve colocação. O *affair* Bergamini-Galveston transformou-se quase num incidente diplomático. Os brasileiros fizeram um poderoso juramento de que nunca, nunca mais eles mandariam uma de suas filhas para exhibir-se diante dos incompreensivos habitantes de Galveston. Na última semana o Brasil realizou o seu próprio Concurso Internacional de Beleza. Em meio a belezas da França, Alemanha, Turquia etc. etc. a Miss Brasil do ano de 1930, Srta. Yolanda Pereira, venceu sem dificuldade, foi formalmente coroada Miss Universo, agarrou um cheque de \$10.000 e deu vivas ao eco. A pátria mãe do Brasil, Portugal, ganhou o segundo prêmio, a Grécia o terceiro. Completamente negligenciada foi uma loira conhecida como Miss Estados Unidos. “Francamente,” disse o brasileiro chefe do júri, “eu sou incapaz de apreciar o assim chamado tipo loiro nórdico”. (TIME Magazine, 1930)

Em 08 de agosto de 1929, em meio a diversas notícias e comentários, Lobato torna ao tema da nostalgia do “companheiro ideal”:

Não há alguma outra conferência de Havana em perspectiva? No último domingo estive no museu com o Porto da Silveira e lembrei-me com muitas saudades do primeiro Silveira que acompanhei por lá. Você não imagina como o museu está aumentado. Como tudo na América, cresce a passos de gigante. (LOBATO, 1972: 121)

A pergunta metonímica – que toma a causa (a conferência de Havana) pela consequência (a visita do amigo) – e metafórica – pois “conferência de Havana” é uma metáfora para um motivo de viagem ao exterior – ao mesmo tempo introduz a narração do fato que ilustra a saudade sentida pela ausência do amigo.

Mas as cartas a Alarico Silveira também eram meios de manutenção da sociabilidade. É o que vemos em duas cartas de pêsames: a primeira, de 27 de junho de 1930, em razão da morte de João Silveira, “com o qual tive poucos contatos, mas suficientes para verificar que era um *true* Silveira” (LOBATO, 1972: 127); a outra, de junho de 1941, escrita da Casa de Detenção, pela morte de Valdomiro Silveira, falecido a 03 de junho de 1941: “nunca imaginei que fosse da prisão que te ia mandar pêsames pela morte do nosso grande Valdomiro” (LOBATO, 1972: 179)

Dois anos depois, a carta de pêsames seria para a esposa de Alarico Silveira, D. Elisa, pelo falecimento de seu marido a 05 de março de 1943. A carta consolatória, do dia seguinte, retoma o “companheiro ideal” e sela o fim da amizade:

Não preciso dizer o que Alarico significava para mim. Foi um dos meus mais queridos amigos – e um homem que muito influenciou a minha vida. Fiquei a dever-lhe imenso.

O tempo passa e vamos envelhecendo. Cada dia deserta mais um do grupo. Este vai hoje. Amanhã vai aquele. O nosso dia por sua vez chegará. Temos, pois, de fazer ver aos amigos que ainda não se foram que a amizade é mais forte que a morte; e que pelo fato de um amigo falecer não se segue que os que o amavam não continuem a amá-lo como antes. A diferença única está em que esse amor recebe o tempero da saudade – nada mais. (LOBATO, 1972: 187)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <http://www.academia.org.br/imortais/cads/27/nabuco.htm> Acesso em 09 fev. 2005.

ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DE RIBEIRÃO PRETO. *História de Ribeirão Preto. Biografias*. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/historia/i14biografias.htm#renato> Acesso em: 14 mar 2005.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. (1998). São Paulo: Nova Cultural.

LOBATO, Monteiro. (1944). *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

\_\_\_\_\_. (1964). *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1972). *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.

MELO, Luís Correia de. (1954). *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

*TIME Magazine*. (1930). Revenge. Foreign News. 22 de setembro de 1930. Disponível em: <http://www.time.com/time/archive/preview/0,10987,740338,00.html> Acesso em: 09 fev. 2005 (a tradução para o português é minha).

VINCENT-BUFFAULT, Anne. (1996). *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.